

## ENTRE SÃO PAULO E BUENOS AIRES

Natália Romanovski<sup>a</sup>

Os ensaios de *Vanguardas em retrocesso*, de Sérgio Miceli (2012), procuram comparar o modernismo argentino e o brasileiro. A reunião desses textos em livro, originalmente apresentados e publicados entre 2006 e 2011, ressalta o valor dos parâmetros comparativos propostos, que passam por três linhas mestras, a fim de orientar a reflexão sobre os fenômenos em ambos os países, e se referem a relações objetivas fundamentais, as quais nortearam as realizações dessas vanguardas.

Na primeira dessas linhas, encontra-se a posição do autor com relação à historiografia literária e artística, a qual construiu um relato triunfalista sobre as primeiras gerações modernistas nos dois países. Miceli pretende reconstituir as dimensões sociais do trabalho intelectual no período em questão e reavaliar as contribuições efetivas desses intelectuais, bem como explicitar as condições sociais que possibilitaram suas emergências. Em nenhum dos ensaios essa proposta fica mais clara do que naqueles dedicados a Jorge Luis Borges. A escolha desse autor é significativa, pois sua figura se tornou a do escritor puro e desistoricizado, uma façanha alcançada a partir da junção entre a lógica particular do campo literário, que tende a apagar as constrictões sociais que determinam as práticas literárias, e os esforços do próprio Borges para ser identificado com o escritor puro, passando pelo apagamento deliberado dos indícios que pudessem localizá-lo socialmente.

A análise do início da trajetória intelectual de Borges e do estabelecimento de seu ambicioso projeto revela os vínculos de classe, o enorme capital cultural herdado pelo autor, a vivência *sui generis* adquirida no seio da família (com ênfase na relação de Borges com o pai), as viagens para a Europa (motivadas pela cegueira paterna) e a sociabilidade familiar imbricada em uma rede de sociabilidade intelectual mais ampla (com destaque para a relação entre Borges e Macedonio Fernández).

Miceli mostra como esse conjunto de fatores está ligado às escolhas intelectuais do começo da carreira do escritor, inclusive seu nacionalismo pretensamente subversivo, mas com alguns elementos nada novos no campo intelectual argentino da época.

A figura de Borges revelada por Miceli é exatamente o contrário do escritor puro, mostrando como esta só foi possível graças às “impurezas sociais” de seus vínculos familiares e de classe e aos desdobramentos dessas impurezas, traduzidas

---

a Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.

em experiências que foram subjetivadas nos poemas e ensaios de juventude e que marcaram indelevelmente sua carreira. Dessa forma, o sociólogo reconstituiu a humanidade (isto é, o pertencimento social) do jovem Borges, mostrando os condicionamentos sociais de uma forma que chega a beirar o determinismo – o que, descontando-se as vicissitudes pessoais, é acentuado pelo tratamento do caso de Borges como um caso particular de um fenômeno geral: a vocação vanguardista emergindo do declínio econômico e político das elites do início do século.

Essa é a condição-chave que aproxima Brasil e Argentina e une os agentes estudados no livro. A comparação arremata a reconstrução da trajetória, ao demonstrar as similaridades entre intelectuais. A comparação entre Borges e Mário de Andrade revela muitos – e surpreendentes – pontos em comum, que passam por estratégias similares (a escolha pela carreira intelectual como salvação, o celibato, o autodidatismo e a forma de sobrevivência material) e desembocam no bem-sucedido projeto de representarem o intelectual moderno de suas nações.

A segunda linha mestra está expressa no título do livro e condensada de forma incisiva no primeiro dos ensaios, também intitulado “Vanguardas em retrocesso”. Miceli se propõe a explorar algo que, à primeira vista, parece uma contradição: os vanguardistas em matéria de arte e literatura eram reacionários e conservadores em matéria de política – algo que a história intelectual muitas vezes faz questão de esquecer.

A explicação desse fenômeno é encontrada em uma situação de alta dependência entre espaço intelectual e campo do poder, que pode ser verificada não somente em termos da esfera macrossocial, da estrutura desses espaços sociais, como também nas trajetórias individuais (e Borges e Mário seriam aqui casos exemplares da análise). Traduzida nessa última instância, os pontos principais se fazem nos vínculos de classe dos intelectuais e em suas escolhas progressivas, que dependeram das possibilidades objetivas de exercício da atividade intelectual.

Essa proposta, que perpassa todo o livro, é condensada nesse ensaio e adensada pela comparação entre Brasil e Argentina. Os tipos de mediadores que deram suporte à vida intelectual variaram nos dois casos: se no Brasil a ligação com o campo político dominava a vida cultural, a dependência do campo intelectual argentino se dava quase inteiramente com relação ao âmbito econômico, com forte presença do mecenato privado. Mas a situação de dependência do campo intelectual com relação ao campo do poder e a situação periférica dos dois países frente a um espaço intelectual mundial (em que a crise dos países ibéricos é um fator importante) colocaram os dois modernismos em uma situação homóloga, que

se traduziu em uma semelhança de condições, estratégias e soluções encontradas pelos artistas e literatos.

A terceira relação fundamental para a análise é a tensão entre as influências nacionais e estrangeiras, demonstrada anteriormente pelo próprio autor (MICELI, 2003). Essa questão está exemplarmente colocada na comparação entre Tarsila do Amaral e Ricardo Güiraldes. Ambos os intelectuais tiveram uma influência decisiva de parcerias análogas. A primeira foi a parceria de trabalho por meio das alianças matrimoniais, expressão das lógicas das estratégias das elites nativas a que esses intelectuais pertenciam – caracterizando o retrocesso político de suas gerações também em níveis subjetivo e pessoal. A segunda, que consiste na relação nacional-estrangeiro, foi caracterizada pela parceria com intelectuais franceses, que moldou as trocas estéticas vanguardistas e resultou na importação latino-americana do modernismo europeu.

Na primeira parceria, a assimetria entre as posições dos dois agentes, levantada pela questão de gênero, é pouco explorada pelo autor. Valeria a pena considerar de forma mais detalhada a condição de Tarsila do Amaral como mulher dentro do modernismo brasileiro, o qual, literária e ideologicamente, era dominado por homens – entre os quais o parceiro de Tarsila, Oswald de Andrade, era um dos mais destacados. Nesse ponto, a comparação com a parceria argentina poderia potencialmente frutificar também entre as posições de Tarsila e Adelina del Carril, a parceira/esposa de Ricardo Güiraldes.

Já na segunda parceria, a assimetria que advém da posição periférica dos latino-americanos com relação aos franceses dominantes mostra-se bastante adequada. Fica claro nesse ponto o padrão desigual de trocas entre os intelectuais, o qual conformou as adaptações estéticas do modernismo europeu frente à sua importação e à adequação ao contexto intelectual latino-americano.

A adaptação estética advinda da importação também é sentida, de forma ainda mais orgânica que nos casos anteriores, no caso de Lasar Segall e Xul Solar. Ambos os artistas, de formação e socialização artística europeia, foram artífices exemplares da relação centro-periferia no domínio das artes. Encarnaram em suas trajetórias uma formação artística europeia que precisou se adaptar às demandas dos incipientes mercados de arte brasileiro e argentino, frente à migração a esses países a que Segall e Xul Solar se viram forçados.

O último ensaio, dedicado ao estabelecimento da sociologia no Brasil e na Argentina, oferece uma espécie de negativo das histórias dos modernismos em literatura e pintura. Enquanto os agentes destes se caracterizam, em sua maioria, pelo pertencimento a classes dominantes decadentes do início do século e pela formação

e socialização ligadas a esse pertencimento de classe, Florestan Fernandes e Gino Germani se caracterizam primordialmente por serem *outsiders* em relação aos campos intelectuais em que a sociologia “pré-científica” se localizava. E foi exatamente por seus enormes *handicaps* em termos de capital econômico, social e cultural que eles se tornaram os porta-vozes ideais de modelos científicos que se provaram bem-sucedidos para distinguir a sociologia como ciência autônoma no seio de campos intelectuais e acadêmicos em processo de diferenciação.

No entanto, se os casos de Fernandes e Germani são contrapontos efetivos das outras esferas de atividade intelectual, exatamente pela característica *outsider* frente aos demais agentes, é que a análise poderia se beneficiar muito de uma melhor caracterização dos campos intelectuais brasileiro e argentino, detalhando o contexto em que arte, literatura e sociologia se inseriam para além das trajetórias dos sociólogos trabalhados.

Em conclusão, pode-se ver que o autor conseguiu provar que esses três eixos, que correspondem a relações objetivas e estruturais da vida cultural na primeira metade do século XX, constituem diretrizes fundamentais para a compreensão sociológica dos modernismos periféricos tanto no Brasil como na Argentina. Esse esforço comparativo provou ser o início promissor de uma abordagem sociológica que deve ser estendida a outros contextos latino-americanos, contribuindo para a construção da história social desse espaço intelectual periférico, uma história que até o momento está fortemente limitada pelas barreiras de nacionalidade – as quais podem muito mais dissimular as restrições que impõem aos seus agentes do que serem motores explicativos da existência e da agência deles.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MICELI, Sérgio. *Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Vanguardas em retrocesso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

---

Recebido para publicação em 11/01/13. Aceito para publicação em 06/05/13.